

1. Nascimento, infância e adolescência

Gaspar Luís Dionísio Bertoni nasceu na tarde de 9 de outubro de 1777, a cem metros da Paróquia de São Paulo in Campo Marzo, em Verona.

Sua mãe, Brunora, que trazia a sensibilidade e a suavidade típica da gente do lago, passaria por um profundo sofrimento, devido ao gênio rude e a incapacidade do marido de administrar os bens da família.

Tendo o pai rompido com toda a parentela, tiveram que segui-lo, retirando-se para o campo. Voltaram 2 anos depois, quando era chegado o momento do período escolar para o menino.

Aos 9 anos, Gaspar perdeu a irmã Metilde, de 3 anos, vitimada pela varíola, que infestava Verona. Foi um acontecimento dramático em sua vida.

No final de 1788, aos 11 anos, recebeu a primeira Comunhão, e a lembrança daquele encontro permaneceu viva durante toda a sua vida, tanto é que, 20 anos depois, já sacerdote, escrevia em seu memorial privado: "Grandíssima devoção e afeto como no dia da primeira Comunhão, e que nunca havia tido depois".

Depois de freqüentar o primeiro grau, o menino Gaspar iniciou os estudos de Humanidade, aos quinze anos.

Desde a tenra idade, surpreendia a todos o seu especial interesse pelo mundo da gente pobre, e a sua paixão pela Eucaristia. Jamais faltava a visita cotidiana a Igreja, sendo este o meio mais seguro para colocar aos pés do tabernáculo suas alegrias e esperanças, e encontrar forças para superar as dificuldades típicas da adolescência.

2. Ingresso no Seminário

Foi o pároco de São Paulo, Pe. Francisco Girardi, que convidou o jovem de 18 anos para fazer uma doação total de sua vida ao Senhor.

Gaspar viu nas palavras do pároco o convite de Deus e não mais hesitou: no dia 3 de novembro de 1795 começou a freqüentar, como aluno externo, o curso de Teologia no seminário.



Igreja de São Paulo em Verona

3. O ambiente de Verona

Sendo Verona uma cidade de fronteira, seu domínio era disputado pelos franceses e austríacos, e a cidade acabou sendo palco de tumultos e desordens.

O exército de Napoleão Bonaparte, cujo avanço pela Itália setentrional parecia não encontrar obstáculos, ocupou a cidade em junho de 1796.

Em 1797, na segunda-feira de Páscoa, o já clérigo Gaspar ouvia os primeiros tiros de canhões, significando que os veroneses rebelavam-se contra seus novos “patrões”.

Finalmente, após as trágicas “Páscoas veronesas”, quando já se contavam mortos mais de cem franceses e vinte e seis veroneses, Verona, abandonada pela República de Veneza, teve que ceder aos franceses, que a ocuparam militarmente.

Mas o tratado de Campoformio, de 17 de outubro de 1797, havia selado a “venda” do Estado Vêneto à Áustria, e a cidade de Verona foi ocupada pelos austríacos em janeiro de 1798.

Os conflitos entre os dois exércitos, austríaco e francês, eram contínuos, e numerosas as batalhas para ter o domínio sobre Verona.

Depois de uma nova desventura dos franceses, a cidade foi dividida em duas com o tratado de Luneville (em 09 de fevereiro de 1801), sendo o Ádige, que atravessa a cidade de norte a sul, o seu limite natural.

Aos franceses cabia o centro histórico, com cerca de 36.000 habitantes, e aos austríacos a margem esquerda, com todos os castelos, chegando a ter pouco menos de 20.000 habitantes (daí o nome de Veronetta).

Mas Verona estava destinada a não conhecer uma paz duradoura ainda por diversos anos: exércitos em ordem de guerra a atravessavam continuamente, e os feridos dos vários fronts chegavam sempre mais numerosos aos vários hospitais da cidade.

A derrota do príncipe Eugênio, amigo dos franceses, em 1809, fazia pressagiar uma derrota de todo o exército francês, o que era esperado por muitos, no âmbito eclesiástico, porque no ano anterior Napoleão havia ocupado parte do Estado Pontifício e obrigado Pio VII ao exílio forçado em Savona.

O anticlericalismo, que fundava suas raízes nas novas doutrinas do ilusionismo e da revolução, ia se firmando também nas camadas mais aristocráticas da cidade.

Em 1814, os revezes napoleônicos vieram a confirmar as previsões, determinando uma nova geografia, com a Áustria dominando o cenário europeu, e os austríacos entrando como vencedores em Verona, para uma posse estável.

O Congresso de Viena, que havia constituído o Reino Lombardo-Vêneto como associado do império austro-húngaro, foi saudado entusiasticamente pela maior parte dos veroneses.

O bispo D. Lirutti agradecia com uma mensagem o imperador austríaco porque a nova acomodação política havia trazido “novos céus e nova terra a Verona”. Porém, durou pouco o entusiasmo, pois o bispo percebeu quanto eram pesadas as ingerências da autoridade civil em matéria religiosa.

4. O seminarista Gaspar



Nesse tempo de violência, o jovem Gaspar, com outros companheiros do Seminário, passava o tempo livre nos hospitais, entre feridos e doentes: foi um período de grande generosidade e de total dedicação.

Durante o curso teológico, empenhou-se, além do estudo, também como catequista, na Paróquia de São Paulo; foram-lhe confiados os meninos que se preparavam para a primeira comunhão. Sua vocação como “missionário dos meninos” já estava claramente assinalada.

Gaspar concluiu o curso teológico aos 21 anos. Já estava maduro para uma nova etapa da sua vida, e em 9 de março de 1799 recebeu a ordem do subdiaconato, e um ano depois, em 12 de abril, foi ordenado diácono.

Justamente neste ano, um drama familiar ainda marcaria profundamente a vida de Gaspar: a separação dos pais, decidida de comum acordo entre eles.

Ainda no mesmo ano de 1800, aos 20 de setembro, próximo de completar 23 anos, Gaspar recebia a ordenação sacerdotal.